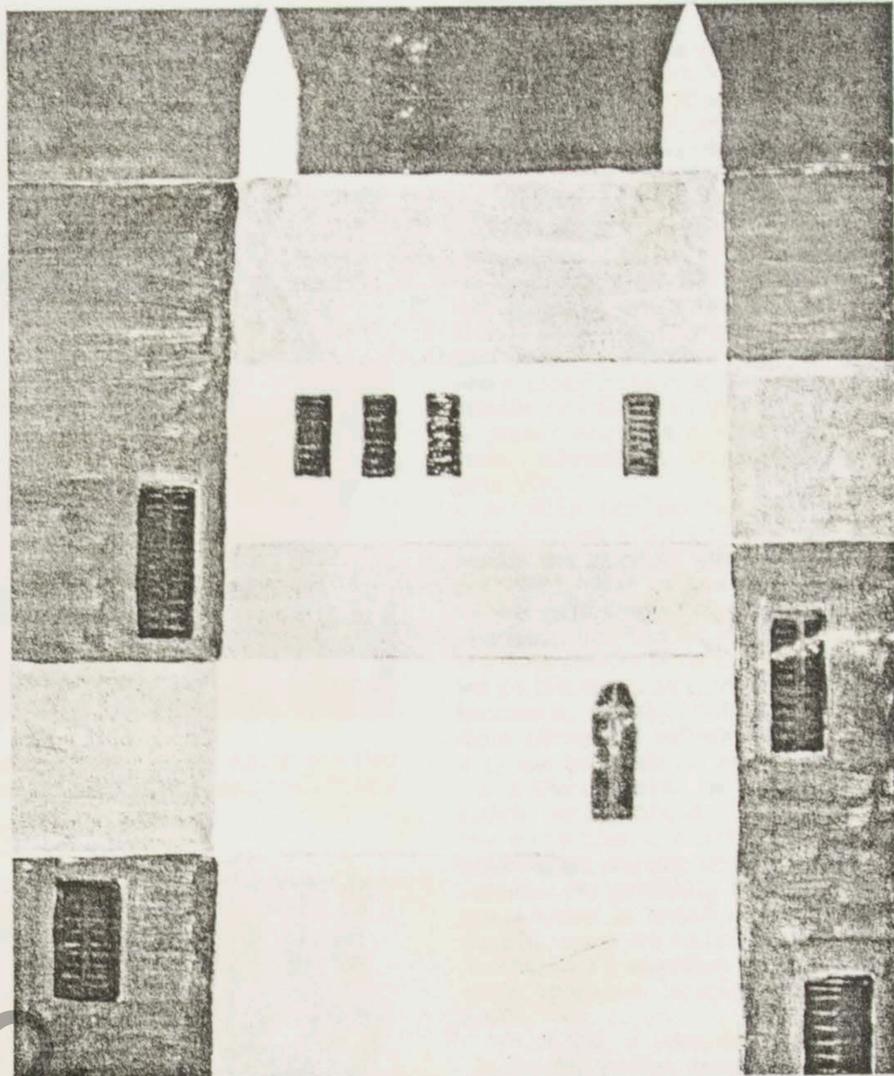




Documentando a intimidade da vida rural, Cândido Portinari nunca deixou de ser a criança pobre de Brodósqui (SP), onde nasceu. ("Lavrador", 1939.)



A inspiração dos subúrbios sempre reaparece nas várias fases da obra do pintor Alfredo Volpi: "Casas", 1953, Museu de Arte Contemporânea da USP.

O concreto e o abstrato

Em decorrência da Segunda Guerra Mundial*, também no Brasil observa-se uma crescente internacionalização das tendências. Da temática regional, que marcou a maioria das obras da década de 30, passou a vigorar a mensagem abstracionista e, ao grande impacto da I Bienal de São Paulo (1951), seguiu-se o movimento concretista.

O abstracionismo* foi dominante em São Paulo, especialmente com Samson Flexor (1907-) e seu Atelier Abstração, onde se formaram inúmeros artistas. Ao mesmo tempo, Alfredo Volpi produz as telas do período *Fachadas*, voltando-se ao bidimensional no começo da década de 50. Com seu rigor artesanal, Volpi influenciou os abstracionistas geométricos de São Paulo, já em diálogo direto com os europeus. Daí para o concretismo foi um passo. Este movimento, caracterizado pelo rigor intelectual na construção e pelo desenvolvimento de temas dentro de uma disciplina de feitiço geométrico, dividiu-se em duas correntes. De um lado, a maior parte dos iniciadores: Kazmer Fejer (1922-), Luís Sacilotto (1924-), Hermelido Fiaminghi (1920-), Valdemar Cordeiro (1925-), Willys de Castro (1926-) e Hércules Rubens Barsotti (1914-). Do outro, os neoconcretistas, cuja exposição se realizou em março de 1957 no Museu de

Arte Moderna do Rio de Janeiro: Ivan Serpa (1923-), Lígia Clark (1920-), Lígia Pape (1929-), Aluísio Carvão (1918-), Franz Weissmann (1914-) e Hélio Oiticica (1937-) — todos eles signatários do manifesto neoconcreto de Mário Pedrosa (1900-), animador do movimento no Brasil.

Essa tendência, contudo, perdeu a intensidade com a V Bienal de São Paulo (1959); surge então a tendência internacional, que se impõe a todos os países ali representados: o Tachismo.

No período de pós-guerra desenvolveu-se também uma atividade, até então inédita, de divulgação da arte em todos os setores, com inúmeros cursos de artesanato além dos de pintura e desenho. Essas tarefas estiveram principalmente a cargo do Museu de Arte de São Paulo (hoje Museu Assis Chateaubriand), fundado em 1947, e desde então dirigido por M. P. Bardi; e do Museu de Arte Moderna de São Paulo, fundado um ano depois por Francisco Matarazzo Sobrinho. No mesmo ano, surgia também o MAM do Rio, onde se centralizou a vida artística carioca. Iberê Camargo, Milton Dacosta e Djanira são os grandes expoentes no Rio, assim como Maria Leontina Franco Dacosta, em São Paulo, entre outros, nesse após-guerra que fazia florescer novas tendências, do expressionismo abstrato ao geometrismo de Dacosta.

Com as bienais promovidas pelo

Museu de Arte Moderna de São Paulo desde 1951, o Brasil passou para um plano de destaque no panorama artístico mundial. Em 1963, o MAM de São Paulo doou seu acervo (o mais completo em arte contemporânea da América Latina) à Universidade de São Paulo, fundando-se então o Museu de Arte Contemporânea da USP.

Gravura, um novo impulso

Recebendo novos impulsos a partir de 1930, também a gravura apresenta no Brasil um dos gêneros mais significativos no desenvolvimento das artes plásticas, inicialmente com Osvaldo Goeldi, depois com Lívio Abramo (1903-) e, a partir de 1943, através da obra visionária de Marcelo Grassman (1925-). Muito deve a gravura a Alex Leskoschek (1889-), estrangeiro radicado no Brasil, mestre de diversos gravadores que se afirmaram a partir da década de 40, entre os quais Fayga Ostrower (1920-) e Edith Behring (1916-). Entre os gravadores das fases mais recentes, ressaltam ainda, entre outros, os nomes de Ana Letícia, Maria Bonomi, Roberto Delamonica e Arthur Luiz Piza.

Admite-se ter sido o primeiro gravador a trabalhar no Brasil, o Padre José Joaquim Veigas de Menezes (1778-primeira metade do século XIX). Na gravura em metal destacam-se Romão Elóis Casado e Paulo dos Santos Ferreira, que

trabalharam na Impressão Régia, fundada por Dom João VI. Em 1829, Louis-Alexis Boulanger (morto em 1873) abriu no Rio a primeira oficina litográfica com fins comerciais. Durante o Segundo Império foi grande o número de oficinas litográficas, entre elas a de Briggs e a de Heaton. Foi neste setor que surgiram as primeiras estampas de interesse artístico executadas no Brasil. Litógrafos foram Agostinho José da Motta, Leopold Heck, Henrique Fleuiss e Carl Schmidt. A gravura em metal tinha papel puramente técnico até o advento de Carlos Oswald, pioneiro na atividade didática.

As pesquisas contemporâneas

Depois de 1962, os artistas que tinham aderido ao Abstracionismo geométrico voltaram ao Figurativismo, com poucas exceções. Em plena onda tachista destacaram-se, entre outros, os nomes de Manabu Mabe (1924-), Flávio Shiró (1928-), Iberê Camargo (1914-).

A "Nova Objetividade", surgida na década de 60, procurou um rompimento com as últimas características convencionais da pintura-cavalete que o Tachismo havia tentado restabelecer. Ao mesmo tempo, esse movimento pregava a revalorização do Neoconcretismo, buscando reencontrar os "objetos" (ou "não-objetos"). Influenciado pela art pop americana, o artista da "Nova Obje-

ARQUITETURA

tividade" lança mão de figuras, símbolos e modos de expressão criados pela comunicação de massa (histórias em quadrinhos, cartazes, fotonovelas). Com isso, pretende romper o isolamento das artes plásticas com relação ao grande público.

Com a evolução das pesquisas chegou-se praticamente à impossibilidade de se classificar certas obras como pinturas ou esculturas. Neste caso encontra-se a produção de Lígia Clark e Hélio Oiticica, além da obra de Franz Krajcberg, numa determinada fase de sua produção. Não obstante, as experiências neoconcretas sempre se mantiveram num plano de expressão abstrata, enquanto artistas mais jovens voltam eventualmente ao figurativismo não-tradicional. Entre estes estão Antônio Dias, Sérgio Camargo, Rubens Gerchman, Cláudio Tozzi, Wesley Duke Lee, Antônio Henrique Amaral, Tomoshigue Kusuno, Raimundo Collares e Cildo Meirelles. Diversificadas entre si, as obras destes artistas inserem-se num movimento anunciador de nova etapa da arte no Brasil.

O sentimento coletivo

Exprimindo em forma e cor o sentimento coletivo, tem florescido no Brasil uma rica arte popular, representada principalmente por esculturas em barro e madeira. Seus motivos são os mais variados, desde a natureza ao mundo da fantasia. Entre os "bonequeiros" mais famosos do nordeste está Vitalino (1909-1963), de Caruaru, Pernambuco.

Os ex-votos, muito populares na Paraíba, são chamados de "milagres" pelo povo. Neste caso a escultura (geralmente em madeira) tenta transmitir ora a parte do corpo afetado pela doença ou acidente, ou, mais raramente, a imagem do crente. Segundo Luís Saia, o ex-voto seria a mais autêntica manifestação da arte popular no Brasil, manifestando frequentemente soluções semelhantes à da escultura africana tradicional.

A xilogravura popular, apesar de estar presente em diversos estados, é também chamada de "gravura nordestina". Serve de ilustração à literatura de cordel, que narra geralmente em versos os mais variados temas: notícias de acontecimentos sobrenaturais, milagres e crimes, entre outros. Essas xilogravuras são de pequeno formato, com uma técnica improvisada e primitiva, quase sempre feitas por artesãos anônimos. A ingenuidade e pobreza técnica da xilogravura nordestina tem influenciado jovens artistas como Newton Cavalcanti e Gilvan Samico. Da mesma forma, inspirou Flávio Motta, em trabalhos de grande dimensão.

VEJA TAMBÉM: Abstracionismo; Aleijadinho; Arquitetura; Arte; Art Nouveau; Barroco; Caricatura; Cinética, Arte; Classicismo; Concretismo; Construtivismo; Dadaísmo; Desenho; Ecletismo; Escultura; Espaço Visual; Estética; Expressionismo; Futurismo; Gravura; Humor; Impressionismo; Indígena, Arte; Moderna, Arte; Modernismo; Nacionalista, Arte; Naturalismo; Pintura; Popular, Arte; Portinari; Programação Visual; Realismo; Romantismo; Simbolismo.



A ação reveladora das obras de Anita Malfatti contribuiu de forma decisiva para a eclosão da Semana de Arte Moderna, de 1922. ("A Estudante", 1917.)



Di Cavalcanti: "Cinco Mães de Guaratinguetá". (M. de Arte de São Paulo.)

A arquitetura no primeiro século de colonização pouco se afastou dos estritos requisitos de funcionalidade. Responder à necessidade de abrigo, eis seu objetivo quase único. À época dos descobrimentos, Portugal atravessava uma fase de transformações. Com uma população estimada em 1 milhão de pessoas, com poucos recursos humanos contava para a ampla missão de colonizar o "mundo português". Daí o estabelecimento de núcleos urbanos exclusivamente na orla marítima, em pontos de concentração que favoreciam a prática do escambo. Nem sequer pensou a Metrópole, num primeiro momento, em colonizar, no sentido específico do termo, tão vastas áreas. O que fez, movida pelo receio das demais nações européias, foi estabelecer "plantations", ou seja, vastas culturas de produtos tropicais de fácil comercialização no mundo europeu. Dessa forma o "complexo rural" com sua casa-grande, capela, engenho e complementos e com uma população significativa representada pela grande família e numerosa escravaria, adquiria a importância de uma vila.

As vilas, por sua vez, com suas ruas sinuosas e tão estreitas, que os beirais das casas de ambos os lados por vezes quase se tocavam, permaneciam num relativo abandono, só se animando nos dias de festa. Os nativos, cuja cultura se encontrava ao nível do Neolítico, na época dos descobrimentos, pouca contribuição podiam oferecer à cultura do europeu e apenas traços de sua influência, como o uso da palma para cobertura, podem ser identificados. Na construção de paredes, o emprêgo do barro predominou durante todo o período colonial. Na península ibérica o seu uso remonta às invasões árabes, tendo sido usado em edificações nobres, fortificações e muralhas, algumas das quais subsistem tranquilamente até hoje.

No Brasil, a taipa foi usada nas suas várias versões, tanto a de *pilão*, resultante do apiloamento de uma liga de barro em caixões denominados taipais, como na de *sopapo*, mais leve e menos duradoura, resultante do trabalho de se atirar com a mão o barro em uma estrutura de pau-a-pique. Nesta última técnica muitos vêem o sincretismo entre técnicas medievais européias e técnicas indígenas. Construções de pedra e cal eram raras, mais comuns eram as de pedra e barro. No primeiro século as três etapas da iniciativa oficial, feitorias, capitânicas e governo geral, pouco progresso trouxeram à arquitetura. Predominou a arquitetura não erudita, despreziosa. As casas da Câmara e cadeia, com seu pelourinho à frente, eram símbolos do poder real. Ao seu lado aparecem os edifícios religiosos, os quais logo começam a se distinguir pelo maior apuro de sua construção. A figura mais notável no século XVI foi o jesuíta Francisco Dias, que aqui chegou em 1577, depois de ter dirigido em Lisboa a construção da Igreja de São Roque. Arquiteto e hábil piloto costeiro, projetou e construiu as igrejas das cidades de Salvador, Rio, Olinda e San-